

# A hidra da intolerância

JOÃO QUARTIM DE MORAES

Entre as resenhas publicadas em *Crítica Marxista* n.51 está a de Herbert Gler Mendes dos Anjos, consagrada a “O marxismo ainda é útil?” do frade Carlos Alberto, muito conhecido e festejado pelo nome literário Frei Betto. O livro, com título em forma de pergunta, foi publicado em 1985. O ano teve euforia democrática (o general Figueiredo deixou pela porta dos fundos o Palácio do Planalto) e muitas manobras liberais tuteladas pela cúpula do Exército, que permitiram a José Sarney assumir a presidência. Um livro sobre marxismo era bem-vindo; o do frade foi acolhido com muito interesse no campo democrático.

Dos Anjos, cuja resenha foi suscitada pela publicação em 2019 de uma segunda edição do livro, revista e ampliada pelo autor, explica que ele é “uma introdução didática ao pensamento marxista escrita em linguagem popular”. Foge a nosso propósito opinar sobre essas qualidades didáticas. Discutiremos apenas um comentário do resenhista à pergunta formulada no título:

Para Betto, justificar a utilidade do marxismo está diretamente relacionado ao significado que atribuímos a esse corpo de ideias. Se entendermos que o marxismo é uma ideologia ateísta, que serve para justificar os crimes de Stálin e as barbaridades da revolução cultural chinesa, realmente ele não terá utilidade. Identificar marxismo com as barbaridades cometidas em seu nome é de um simplismo similar a identificar o catolicismo à inquisição ou à pedofilia de padres e bispos.

Sem dúvida, identificar uma teoria ou uma religião a “barbaridades cometidas em seu nome” é próprio a mentalidades simplistas. Mas se tivesse ido um pouco além dessa simples constatação, o frade descobriria que a dialética das identifica-

ções é bem mais complexa. O catolicismo não é só a Inquisição, o stalinismo não se reduz aos processos de Moscou. Mas a Inquisição preencheu um larguíssimo período da história da Igreja católica. Cerca de seis séculos separam sua criação de sua extinção oficial em 1834. Tão longa duração mostra que não se trata de mero desvio de rota, mas de uma intolerância arraigada no aparelho eclesiástico em estreita articulação com o poder de Estado e com a teocracia romana.

Com efeito, ela foi instituída no contexto da Cruzada lançada em 1208 pelo papa Inocêncio III, o qual, para aniquilar a “heresia” cátara, que se propagara pela Provença ao longo do século anterior, mobilizou os barões feudais, sequiosos de botim e de terras. Eles deixaram um rastro de crueldade com poucos paralelos nos anais da História. Por onde eles passaram, os hereges foram implacavelmente massacrados; nem as crianças foram poupadas.

Os cátaros, entretanto, apoiados pela população provençal, inclusive os católicos que lutavam contra os cruzados para preservar sua antiga autonomia, resistiram tenazmente. Mas os papas (Honório III e Gregório IX, sucessores de Inocêncio III), aliados à monarquia francesa, que queria incorporar o Languedoc (região da língua occitana) ao domínio real, estavam decididos a impor uma “solução final”. Em 1229, os principais bastiões da resistência haviam sido subjugados. Para completar a obra saneadora, o papa Gregório IX criou a Inquisição em 1231, incumbindo os frades da ordem dos pregadores mendicantes, mais conhecidos por dominicanos (do nome de Domingos de Gusmán, que a fundara cerca de vinte anos antes para combater a heresia) de extirpar o vírus da heresia das almas dos provençais. Os eficientes métodos inquisitoriais de extorsão de confissões não somente erradicaram a religião cátara, mas também secaram as raízes da língua occitana, expressão mais brilhante da cultura provençal.

Nos séculos XV e XVI, a Inquisição aterrorizou, torturou e queimou na Espanha dezenas de milhares de cristãos-novos acusados de “judaizar em segredo”. Destino semelhante tiveram cerca de 50 mil “bruxas”, acusadas de magia e de pactos diabólicos, bem como os “ateístas”, cujo crime consistia em não aceitar os dogmas teológicos.

Sem dúvida, o catolicismo não se reduz às Cruzadas e à Inquisição. Mesmo porque aquelas se tornaram obsoletas com as guerras modernas e o século das Luzes dispersou as trevas do Santo Ofício, que não eram obra de Satanás, nem tampouco de Deus, mas dos religiosos fanáticos que a inventaram e dos monarcas que delas se serviram.

Não se pode, entretanto, eliminar por decreto a intolerância religiosa. Ela persiste endemicamente em modalidades mais brandas e menos letais, embora surtos mortíferos de violência confessional, no mais das vezes politicamente manipulados, continuem a eclodir. É que, como Steven Runciman ponderou em seu notável *The Medieval Manichee: A Study of the Christian Dualist Heresy*, “a tolerância é uma virtude mais social que religiosa”, inacessível àqueles “cuja religião pessoal é muito forte”, pois, acrescenta ironicamente, quem pensa “ter encontrado a chave e o princípio orientador da vida, não pode permitir que seus amigos andem perdidos pelas trevas”.

Exatamente porque “a tolerância é uma virtude mais social que religiosa”, a explicação histórico-materialista, inspirada nos “ateístas” Marx e Engels, permite compreender as condições concretas em que se operou a institucionalização clérigo-estatal da intolerância religiosa, bem como aquelas bem mais civilizadas, que favoreceram o reconhecimento da liberdade de consciência, portanto o respeito tanto à religião dos outros, quanto ao direito alheio de não ter nenhuma. É justamente esse direito de pensar que não foi Deus que criou o homem, mas sim o homem que inventou Deus, que o festejado frade não somente não aceita (o que é seu pleno direito), mas também agride deslealmente, vinculando a “ideologia ateísta” aos “crimes” e “barbaridades” de Stálin e da revolução cultural chinesa.

O frade é recorrente em procedimentos solertes visando a satanizar o que chama “ateísmo militante”. Durante a campanha presidencial de 2010, J. Serra, o candidato da direita, fez coro com os fundamentalistas bíblicos, que acusavam Dilma, candidata de centro-esquerda, de ateísmo e de defensora do aborto. Serra declarou-se contra o aborto invocando os “valores cristãos”, que impedem a interrupção da gravidez em quaisquer circunstâncias (inclusive estupro e anencefalia). Afinal, açular o obscurantismo rende dividendos no “vale tudo” eleitoral. Para evitar hemorragia de votos, Dilma teve de fazer concessões à intolerância religiosa. O frade, amigo de Lula e da candidata, tomou sua defesa (*Folha de S.Paulo*, 16-10-2010), garantindo que ela nada tinha de “marxista ateia”. Se ele estivesse prioritariamente preocupado em contribuir para a vitória de Dilma, teria dito simplesmente que a conhece desde menina e que ela é católica. Mas ele preferiu aproveitar a ocasião para injuriar os ateus, alegando que “nossos torturadores, sim, praticavam o ateísmo militante ao profanar com violência os templos vivos de Deus: as vítimas levadas ao pau de arara, ao choque elétrico, ao afogamento e à morte”. Ele reiterou arrogantemente essas injúrias no jornal *Sul 21*, publicado na internet em 1º de novembro de 2010.

O resenhista de *O marxismo ainda é útil?* cita aprobativamente a passagem que identifica o ateísmo ao stalinismo e às “barbaridades da revolução cultural chinesa”, mas nada diz sobre sua identificação, ainda mais insidiosa, à prática dos torturadores. Antes do Iluminismo, a tortura era oficialmente praticada pelos frades do Santo Ofício, que com mansidão protocolar, antes de começar a moer os ossos dos presumidos hereges (judeus, ateus, bruxas, sodomitas), *suplicavam-lhes* que confessassem seus “crimes”. Hoje ela é praticada com menos cerimônia, nos porões dos “serviços de informações” e de delegacias de polícia. O zelo intolerante do autor contra os que não aceitam dogmas teológicos e pensam (com Feuerbach, Marx, Engels etc.) que Deus é uma invenção humana é compulsivo. A tal ponto que, em delirante inversão, ele violenta a evidência dos fatos para colar nos esbirros da ditadura militar, que diziam livrar o Brasil do “comunismo ateu”, o epíteto de ateus em estado prático. Não, os ateus estavam do outro lado, o dos torturados e assassinados, como Carlos Marighella e tantos outros.

**Palavras-chave:** ateísmo, tortura, Inquisição, Deus, obscurantismo.

**Keywords:** atheism, torture, Inquisition, God, obscurantism.